

CED
POVOS



Foto U. DEITMAR

Esta é a "avenida" principal de Serra Pelada.

RO 200

O dia do garimpeiro

RICARDO KOTSCHO
Enviado Especial

É proibido trabalhar à noite, por questões de segurança. Mas quando clareia o dia, alguns milhares de garimpeiros já estão suados, cansados de cavar nos barrancos e carregar sacos de 50 quilos nas costas, numa monótona rotina que começou em fevereiro e não parou mais. Em noite de lua cheia o movimento é maior, porque nem todos podem pagar 5 mil cruzeiros por um bico de luz fornecido pelo dono de um gerador e poucos se arriscam a cavar na grota à luz de vela.

Logo cedinho é grande o movimento na rua do comércio e em volta do armazém da Cobal, onde os cozinheiros vão comprar carne e outros produtos para o rancho dos garimpeiros. Um refrigerante custa 40 cruzeiros, 80 o quilo de cebola, 50 o de tomate, 200 o de carne. Mas já foi pior: há seis meses, um quilo de arroz ou um refrigerante custava 100 cruzeiros, 400 um quilo de café, três pilhas eram vendidas a mil cruzeiros.

O maior movimento, como sempre, é o dos marreteiros que vendem sacos (da Connell Rice E Sugar Co. Inc., de Houston, Texas) de arroz vazios — o principal instrumento de trabalho dos "formigas" — a 50 cruzeiros. O garimpo não existiria sem os "formigas", os braçais que carregam sacos de um lado para outro, formando e desfazendo morros num cenário que lembra a Idade Média. Caminhando em trilhas estreitas, sempre em fila, pirambeiras dos dois lados, só falta o chicote para torná-los perfeitas personagens do tempo dos escravos que ergueram palácios e pirâmides com as próprias mãos.

O dia amanhece com filas por todo canto: doentes em volta da barraca do posto médico; os afortunados aguardando a abertura dos escritórios da Docegeo para vender seu ouro; os que vão embora esperando a vez na alfândega improvisada da Polícia Federal, fazendo planos enquanto o avião não chega. Aqui não existe ponto de ônibus: o dia todo há fila para os aviões monomotores que fazem a ponte-aérea Serra Pelada-Marabá (2.500 cruzeiros a passagem, 25 minutos de voo).

CERIMÔNIA CÍVICA

"A coordenadoria convida todo o garimpo a assistir ao hasteamento da bandeira" — anuncia o alto-falante instalado ao lado da pista, que é ao mesmo tempo a principal — e única — avenida desta cidade-garimpo. Agora, em lugar dos bailes de Luiz Gonzaga, que todo dia anunciam um novo dia, são executadas marchas militares, enquanto o batalhão de 12 homens da Polícia Militar se perfila ao lado dos três mastros com as bandeiras do Brasil, do Pará e da PM. Uns cem, duzentos garimpeiros atendem ao chamado, tiram seus chapéus e bonés. Representantes dos órgãos públicos também se perfilam e o advogado Edilson Tavares, principal autoridade em Serra Pelada (assessor do Conselho de Segurança Nacional, subordinado diretamente ao presidente da República), faz o sinal para que se coloque na vitrola o disco do Hino Nacional.

Quando a cerimônia cívica — promovida todos os dias pela manhã e à tarde acaba, o silêncio no garimpo é quebrado não por palmas, mas pela tosse. De chinelo de borracha, camiseta e calção, os garimpeiros ainda não se habituaram ao clima de Serra Pelada: um calor bravo, sem vento, durante o dia; frio e úmido à noite. De maio a agosto, o posto médico improvisado numa barraca de lona, sem água, atendeu a 15.319 casos de doenças.

A maior incidência é de doenças respiratórias, provocadas pelo clima e pela poluição de poeira fina permanentemente no ar, que sal do garimpo como a fumaça das fábricas: 50 por cento dos atendimentos indicou traqueobronquite; 10 por cento, bronqueopneumonia e 2 por cento, tuberculose. Foram registrados 166 casos de malária e uma média de cinco casos de meningite por quinzena. Por isso, houve uma campanha de vacinação contra meningite e febre amarela. Agora, só pode entrar e sair do garimpo quem provar que foi vacinado.

O médico Guilherme Dias, da PM do Pará, atende em média de 120 a 150 doentes por dia — além dos 100 casos encaminhados para dois enfermeiros. Apesar de tudo, instalado numa barraca sem recursos e cheia de moscas, o médico considera a situação em Serra Pelada até boa, em comparação com outros municípios do sul do Pará por onde tem andado: A maior entre todas as doenças, segundo Dias, é a própria febre do ouro: "O sujeito prefere morrer na barraca do que vir se tratar, com medo de ser mandado embora do garimpo." Explica-se: nos casos mais graves os doentes são enviados para Marabá de avião.

MAIS GENTE CHEGANDO

Todos os dias, vindos de todo o Brasil, especialmente do Maranhão e de Goiás, mais homens chegam ao garimpo em busca do ouro. Havia na semana passada 18.797 garimpeiros registrados no escritório da Receita Federal e as inscrições estão suspensas porque não há lugar para mais ninguém. Mas calcula-se que haja 25 mil homens atualmente em Serra Pelada. Os "furões", como são chamados os que não têm registro como garimpeiro, arrastam-se pelas matas e entram no garimpo à noite. São, em sua maioria, lavradores sem terra, empregados sem emprego, que encorram no garimpo a última esperança de sobrevivência.

Quase 90 por cento daqueles 25 mil homens sequer podem alimentar a esperança de encontrar uma pepita de bom tamanho, ganhar um

bom dinheiro e largar o inferno do garimpo. É a legião de desesperados, os "formigas", que trabalha no serviço de transporte, carregando para longe o material considerado estéril pelo garimpeiro. São pagos por dia (1 a 1,5 mil cruzeiros) ou por tarefa (40 cruzeiros a viagem, 50 quilos nas costas, a uma distância média de meio quilômetro), comem e dormem em barracas cobertas de plástico ou lona por conta do empregador.

O ritmo de trabalho é violento (das 6 da manhã às seis da tarde, de domingo a domingo), mas em que outro lugar do Brasil um trabalhador braçal pode ganhar 30 mil cruzeiros por mês, livres de despesas? É verdade que são muito raros os que têm condições físicas para suportar um trabalho desses por mais de três meses, mas desta forma podem garantir a sobrevivência de suas famílias pelo menos por mais algum tempo.

DINHEIRO VIVO

Nos três guichês do escritório da Docegeo, que avalia o ouro comprado pela Caixa Econômica Federal, a fila não acaba nunca. As três da tarde, suando, os funcionários não dão conta do movimento. Fernando Marques, há três meses coordenador de compras de ouro em Serra Pelada, conta que todo cuidado é pouco: "Todo dia pegamos uns dois ou três que colocam cobre no meio do ouro. E só fazer um teste com ácido nítrico concentrado que a gente percebe. Esses a Polícia Federal bota logo para fora do garimpo."

Pesado o ouro e calculado seu valor de acordo com a taxa do dia fornecida por Brasília, o garimpeiro recebe seu cheque e pode depositá-lo no barracão ao lado, onde funciona a agência da Caixa Econômica Federal. Muitos, porém, não se conformam com o cheque, querem ver o dinheiro, pegar o pacote de notas de mil e mostrar para todo mundo. Tascam o dedão no cheque e retiram logo tudo o que lhes cabe. Outro dia roubaram 1,8 milhão de cruzeiros de um garimpeiro, que dormia ao lado da sua fortuna (o ladrão fugiu, depois voltou ao garimpo e foi reconhecido).

Quando o dinheiro tem que ser repartido entre sócios de um barracão, essa divisão é feita no ato, fazendo lembrar um jogo de baralho em que as cartas são notas de mil cruzeiros. O recordista, por enquanto, é um certo Zé Marla, cujo nome verdadeiro é José Raimundo, que num só dia vendeu 148 quilos de ouro (neste dia, ele resolveu dar uma gorjeta ao seu cozinheiro em forma de ouro, presente avaliado em 1,2 milhão de cruzeiros). De três em três dias o ouro comprado é remetido para Belém em aviões bimotores, "por questões de segurança".

No ponto do avião a fila resiste até o fim da tarde, a poeira não tem tempo de descer: são 11 aviões, fazendo 45 pousos e decolagens por dia. O piloto Alberto Nogueira Barros foi um dos primeiros a descobrir o filão do garimpo, animado por uma reportagem que viu na televisão. A pista é péssima, tem menos de 400 metros, fica no meio da serra, tornando difícil a aproximação, mas o movimento compensa todos os riscos.

BALANÇO DO DIA

Depois do jantar, como fazem todas as noites, representantes dos diversos órgãos do governo (presidência da República, DNPM, Docegeo, Caixa Econômica Federal, Sucam, PM do Pará, Correios, Receita Federal, Cobal etc) reúnem-se em frente ao barracão do doutor Edilson e fazem-lhe um relatório das atividades do dia. Foram comprados 19,4 quilos de ouro, à cotação de 780 cruzeiros a grama. A Receita Federal expediu 35 novas carteiras e suspendeu 6 garimpeiros. A Cobal vendeu 680 mil cruzeiros em alimentos. O posto médico atendeu a 212 doentes, sendo 8 evacuados do garimpo. O correio arrecadou 44.556 cruzeiros.

O representante do DNPM relata o soterramento em que três garimpeiros ficaram feridos, um deles em estado grave. "Esse paciente — explica — foi uma zebra. O barranco estava dentro do limite mínimo de segurança, mas esse problema da periferia das cavas, não tem jeito. A gente avisa que está perigoso, mas eles não cuidam." Luciano Amaral de Melo, o engenheiro de minas do DNPM, que faz o relato, conta a situação de um homem de 60 anos, que está cavando sozinho num local onde, segundo os geólogos, não há ouro, e já está a 15 metros de profundidade, trabalhando inclusive à noite. "O homem me disse que eu posso ter diploma, mas quem entende de mineração é ele. Diz ele que sonhou aquela embaxação tem 100 quilos de ouro e que a pepita dele vai aparecer em todos os jornais do mundo."

Já começou a projeção de cinema ao ar livre. Todos os filmes são sempre aplaudidos e causam grande sucesso, por piores que sejam: o cinema é a única diversão na noite de Serra Pelada. Mas a grande atração do momento é o "frango elétrico" de um ex-motorista de caminhão de Gotás. Ele trouxe para Serra Pelada uma daquelas máquinas elétricas de assar frango e não está dando conta da procura. Junto com a máquina vieram dois mil frangos congelados, vendidos em poucos dias a 300 cruzeiros cada (ele queria cobrar 500 cruzeiros, mas o major Curió não concordou e tabelou um preço mais baixo).

Nas barracas dos comerciantes e dos garimpeiros muitos já estão dormindo às oito da noite, mas rádios e toca-fitas continuam ligados no último volume, misturando todas as músicas da produção de Roberto Carlos. Na "Praça da Mentira", garimpeiros fazem trocas e um deles se arrepende de ter trocado um frango por um relógio. Agora está com fome.